

## PESQUISA EM ARTES VISUAIS: A LICENCIATURA E SEUS DESDOBRAMENTOS INVESTIGATIVOS

*RESEARCH IN VISUAL ARTS:  
TEACHING DEGREE AND ITS INVESTIGATIVE DEVELOPMENTS*

**Luiz Carlos Pinheiro Ferreira** / UnB

**Ana Paula Aparecida Caixeta** / UnB

---

### RESUMO

O texto apresenta apontamentos a respeito da pesquisa em Artes Visuais no âmbito da licenciatura, considerando o processo de formação discente e os desdobramentos investigativos, bem como algumas estratégias que possibilitam reflexões sobre as implicações e os caminhos da pesquisa acadêmica. Como recorte metodológico, destacamos três lugares formativos: o Estágio Supervisionado, a Iniciação Científica e o Trabalho de Conclusão de Curso. Portanto, dialogaremos a partir de aportes teóricos relacionados à pesquisa no contexto de ensino das Artes Visuais em confluência com experiências vivenciadas em sala de aula no momento de elaboração, condução e apresentação desses trabalhos.

### PALAVRAS-CHAVE:

Artes Visuais; Pesquisa; Estágio Supervisionado; Iniciação Científica

### ABSTRACT

This paper presents notes about Visual Arts research in the context of teaching degree considering the process of undergraduation and its investigative developments, as well as some strategies that allow reflections on the implications and paths of academic research. As a methodological approach, we highlight three academic training places: Supervised Internship, Scientific Initiation and Undergraduate Thesis. Therefore, we will dialogue based on theoretical contributions related to research in the context of teaching Visual Arts in confluence with experiences lived in the classroom when elaborating, conducting and presenting these works.

### KEYWORDS

Visual Arts; Research; Supervised Internship; Scientific Initiation

## Introdução

A premissa básica do ato de pesquisar pressupõe uma intenção: conhecer. Movimentada pela atenção e observação feitas sobre algum elemento, a pesquisa incita à provocação da descoberta bem como suas problematizações, presentes em quaisquer áreas do conhecimento. Conduzido pela reflexão da pesquisa no âmbito da licenciatura em Artes Visuais, o presente texto abrange questões que transitam pelo cotidiano formativo dos discentes, considerando etapas de pesquisa vivenciadas ao longo do curso e colocadas em diálogo neste artigo: o Estágio Supervisionado, a Iniciação Científica e o Trabalho de Conclusão de Curso<sup>1</sup>.

Compreendemos que, nesse movimento de reflexão e diálogo, os esforços de se pensar o ensino superior em Artes Visuais, especialmente na formação em licenciatura, permitem compreender alguns caminhos de pesquisa no campo das Artes Visuais. E, também, a reverberação da mesma para o contexto formativo, pessoal e profissional do discente. Nesse sentido, trazemos perguntas que alicerçaram o interesse pela produção do presente texto. Qual a relevância da experiência com o Estágio Supervisionado para a formação e a pesquisa discente? De que modo são escolhidos os temas e abordagens para a pesquisa em Artes Visuais? Como são estabelecidas as aproximações interdisciplinares e transdisciplinares com outras áreas do conhecimento? Quais questões determinam o interesse por uma pesquisa de TCC? Em que medida o discente que inicia o processo de investigação no âmbito da Iniciação Científica, identifica-se com a pesquisa do orientador? As perguntas são muitas, entretanto, o nosso interesse não reside, necessariamente, em ter respostas prontas ou objetivas para os questionamentos.

Nosso interesse reside em provocar questões e reverberações que possam dar sentido para a nossa função docente, assim como possibilitar ao futuro licenciado e pesquisador o gosto pela curiosidade. Possibilitar, justamente, uma transição “[...] do estado de curiosidade ingênua para o de curiosidade epistemológica” (FREIRE, 1996, p. 39). Curiosidade que remete ao campo da pesquisa em Artes Visuais como um lugar de experimentações tanto de ordem teórica quanto prática, sobretudo, quando estamos considerando o processo de formação e atuação de um futuro professor e pesquisador. Paulo Freire (1996) enfatiza que, como professor devemos saber que sem a curiosidade que precisa mover todos nós, inquietando-nos a partir das experiências com o cotidiano, inserindo o professor na busca por alternativas, caminhos e estratégias, a função docente poderá, talvez, restringir-se a uma repetição de fórmulas prontas.

O estado de curiosidade precisa fazer parte da vida do sujeito. Um olhar atento acerca do cotidiano, daquilo que acontece nas brechas, camuflado de ingenuidade. Se essa transição entre a curiosidade ingênua para a curiosidade epistemológica não ocorrer com o futuro professor, provavelmente, o mesmo não aprenderá e, portanto, não poderá ensinar. É a partir desse movimento dialógico e processual entre aprender e ensinar que acontece a dinâmica que instiga todos nós a continuar, ou seja, o movimento da curiosidade pela vida e, conseqüentemente, pelo lugar da docência e da pesquisa.

### **Apontamentos teóricos sobre a pesquisa em Artes Visuais na licenciatura**

A oficialização da Arte como campo de conhecimento científico reconhecido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) tem uma história recente, conforme nos contextualiza Sílvio Zamboni (1998). Ao iniciar um movimento intencional de sensibilização a respeito da área de Artes na pesquisa acadêmica, Zamboni identifica, em meados de 1984, a necessidade de se criar critérios de organização específicos, capazes de situar este campo dentro da instituição, porém, sem reduzi-lo aos julgamentos gerais comumente aplicados a outras áreas de conhecimento. Desse movimento, observa-se emergir grandes dificuldades de comparação, equivalência e normatização da pesquisa em artes, uma vez ser esta área autônoma e exigente de critérios e metodologias próprias, capazes de enfrentar questões oriundas do lugar da sensibilidade, promovidas pela forma da arte.

Das preocupações observadas a respeito da pesquisa em arte, quando pensada de modo genérico, está o lidar com aspectos da ordem do humano, do sensível e, conseqüentemente, daquilo abarcado por uma estética<sup>2</sup>. De modo amplo, pensa-se as inúmeras faces e componentes desse processo investigativo, considerando a criação, a recepção, a crítica etc., mas também o ensino (ZAMBONI, 1998). Uma vez elencados os principais caminhos da pesquisa em artes – do teórico e crítico ao historiador, artista, professor ou professor-artista – vislumbra-se, aqui, convergir as reflexões para a pesquisa voltada, especificamente, à licenciatura em Artes Visuais. Entretanto, um dos pontos destacados por Zamboni (1998) para se desenvolver um pensamento a respeito da pesquisa em arte evidenciava uma preocupação importante: o lugar da racionalidade proveniente da pesquisa científica. Ao trazer para a fundamentação a discussão proposta por Jayme Paviani (1991), Zamboni incita a reflexões necessárias quanto à consciência da pesquisa, especialmente

quando se propõe olhar a Arte (enquanto campo de conhecimento) por uma ótica capaz de se fazer distanciar para, então, conhecer.

Em *A racionalidade estética* (1991), Paviani não só indaga o sentido do racional na arte, como também essa racionalidade enquanto categoria estética e inerente ao processo de qualquer elaboração de pensamento. Converte com nossas intenções, neste texto, o fato de que o lugar da pesquisa necessita, em algum grau, de ações estruturadas, métodos e abordagens, bem como possibilidades de se pensar racionalmente algo que é oriundo do fenômeno artístico. Para nós, ao assumirmos a razão em algum tipo de confronto com a sensibilidade como problema ontológico da estética, estamos construindo um caminho que vai ao encontro de Paviani (1991) e Zamboni (1998), quando colocam a arte como forma de conhecimento, mesmo cientes de que ela ultrapassa os limites da lógica e da ideia de verdade.

Ao se esforçar para falar do caráter racional da arte, ambos autores têm em seus discursos a racionalidade enquanto concretização da forma da arte à medida em que se considera a ação estética como uma ação também orientada por escolhas, direcionamentos, interposições e decisões. Isto posto, uma investigação proposta para o campo das Artes Visuais, independentemente de sua escolha metodológica, é orientada por processos inteligíveis necessários, cujo distanciamento após a escolha do objeto de pesquisa capacitará o pesquisador a pensar de modo menos opinativo, mais criterioso e investigativo.

Sabe-se que falar de racionalidade do âmbito das Artes Visuais nos conduziria a inúmeros caminhos: da criação à recepção, do artista ao pesquisador. Para esta discussão, no entanto, o recorte feito é pautado no lugar do pesquisador e futuro professor. Elencado como sujeito em confronto com o objeto de pesquisa, sobressai, anterior a qualquer definição de tema, a relação desse sujeito investigador com um objeto estético. Neste sentido, a preocupação a respeito da racionalidade mencionada por Zamboni (1998) e por Paviani (1991) revela, não um apagamento das sutilezas da sensação de um sujeito diante da arte, mas como esse sujeito pensa sua recepção a respeito desse objeto artístico, pensado agora pela ótica da Estética no campo da educação.

Ao se tratar da pesquisa no contexto da licenciatura, outros elementos são revelados enquanto escolha daquilo a que se propõe pesquisar. Anterior à identificação destes pontos, emerge uma preocupação de outra ordem, que é didática. Ou seja, aquilo a que se propõe pesquisar não é inerente à exclusiva relação sujeito/objeto, quando se tratando de experiência estética, mas, antes, procura investigar como elementos dessa relação podem ser potenciais para a formação em Artes Visuais. Destarte, a

pesquisa no campo da licenciatura requer um foco pedagógico, que busque refletir a respeito de problematizações vivenciadas e/ou observadas no contexto do ensino em Artes Visuais, quando trazidas como tema para sala de aula. Neste caso, o pesquisador desta área se torna construtor de uma reflexão capaz de desenvolver competências críticas a respeito do aprender e do ensinar.

O campo investigativo do licenciando é construído a partir de inúmeras ambientações. Seja em sala de aula, na produção artística, na pesquisa e elaboração de texto, seja na experiência de estágio, as vivências passam a ser o primeiro *insight* para se pesquisar questões de ensino em Artes Visuais. De acordo com Siegesmund e Vasconcellos (2019), é neste lugar de revelação que se desencadeiam possibilidades de se construir uma pesquisa por meio da arte.

Desse modo, os objetos de interesse para o pesquisador são provenientes de inúmeras ordens, cujas preocupações investigativas ultrapassam as delimitações do que é ou não artístico, indo ao encontro daquilo cujas culturas visuais e narrativas diversas promovem. É neste sentido que a pesquisa no contexto da licenciatura em Artes Visuais percorre hoje, explorando novos lugares de observação, atraindo um diálogo teórico interdisciplinar capaz de contribuir a respeito da formação e conhecimento no que tangem experiências estéticas de inúmeras naturezas. Destaca-se, aqui, as investigações promovidas por Fernando Hernández (2000) quando elenca o universo visual como mediador de conhecimentos que ultrapassam limites disciplinares.

Os esforços críticos de Hernández (2000), ao se debruçar sobre o currículo espanhol e as necessárias conexões entre educação básica e universidade, contribuem significativamente para novos âmbitos do ensino de Artes Visuais e, conseqüentemente, da pesquisa neste campo. Seu caminho concebe preocupação a respeito do lugar da representação cultural, da percepção e interpretação, ampliando aspectos oriundos de uma formação que se propõe autônoma na compreensão de significados. Atento às mudanças quanto ao desenvolvimento da criança, o caminho percorrido por Hernández (2000) pode ser compreendido como crucial nas observações de novos paradigmas das artes visuais, ao longo da formação e desenvolvimento infantil, ao passo que corrobora com sistemas de percepção estética atrelados às emergências que os novos discursos e imagens exploram. Desse modo, as manifestações da cultura visual passam a estabelecer relação fecunda com o espaço educativo, seja pelos confrontos quanto às designações de objetos de arte, seja pela exploração das múltiplas significações que um objeto estético promove, seja pela preocupação com a relação entre pensamento e linguagem, no que diz respeito aos juízos sobre a Arte. Neste novo lugar de investigações, Hernández nos

apresentará aberturas pedagógicas e metodológicas que pensarão as imagens a partir de olhares marcados por vestígios culturais e narrativos, em que somos convidados a refletir sobre as confluências de inúmeros elementos que compõem aquilo que se revela cotidianamente ou nos espaços institucionalizados da arte. Sendo assim, interessa-nos observar que os problemas da arte, no caso, problemas de pesquisa em Artes Visuais, nascem de novas indagações ao passo que abrem a perspectiva interpretativa e converte, de maneira atenta e múltipla, o lugar da relação sensível para um lugar de conhecimento.

Ao explorar as perspectivas gerais da Pesquisa Educacional Baseada em Artes (PEBA), Carvalho e Immianovsky (2017) nos atentam a respeito dos novos caminhos metodológicos que emergem de um contexto atrelado à cultura visual. Para as autoras, a preocupação com o processo, a estética e a recepção lançam mão da experiência sensível e análise da imagem, indo ao encontro natural da história que compõe aquele objeto. Mais do que isso, a discussão por elas compilada nos encaminha aos novos norteamentos metodológicos da pesquisa em artes, baseados em instâncias processuais que não se encerram em metodologias convencionais de investigação científica.

Da mesma feita, Siegesmund e Vasconcellos (2019) insistem na necessidade de se assumir novas instâncias de pesquisa em arte atentas à estratégias e abordagens capazes de lidar com questões das visualidades. Com destaque para a PEBA, os autores expressam suas preocupações com a pesquisa no âmbito do ensino de Artes e como as novas configurações provenientes deste movimento de pesquisa assumem o uso da imagem como parte intrínseca do movimento de produção de conhecimento, e não como apoio ou complementação.

A PEBA amplia o caminho da pesquisa para intersecções que rompem a dicotomia entre arte e ciência, também problematizada por Zamboni (1998), alterando o status da pesquisa em arte para uma pesquisa que se baseia na e pela parte. Isto posto, abrem-se outros panoramas para se investigar elementos oriundos do estético/artístico, uma vez que se integra ao processo de análise e interpretação a elaboração de produtos artísticos desenvolvidos durante o envolvimento com a pesquisa. Ao assumirmos o processo do fazer artístico como parte constituinte do movimento de pesquisa, a investigação em Artes Visuais torna-se dinâmica, pois se preocupa com variações múltiplas, nascidas das impressões e vestígios calcados pelo gesto observador, ao passo que explora a produção estética como forma de pensar em problemáticas advindas dessa área de conhecimento. Quando voltada para o lugar do ensino de Artes Visuais, a PEBA permite a confrontação com discursos hegemônicos e corrobora com uma aprendizagem capaz de observar criticamente

fenômenos e experiências nascidas no âmbito da arte. Mas vale ressaltar, seguindo as reflexões de Oliveira e Charreau (2016), que a proposição de uma PEBA extravasa sua perspectiva epistemológica e funde-se, em algum momento, à Pesquisa Baseada em Arte, especialmente por ambas lidarem com as vozes plurais que esse mecanismo elege bem como as sutilezas provocadas pelo próprio gesto investigativo.

Observando esses movimentos de pesquisa e assumindo novas diretrizes para condução de estratégias metodológicas, a licenciatura em Artes Visuais incita o discente a outras possibilidades de se fazer pesquisa, especialmente quando se vivencia o Estágio Supervisionado, a Iniciação Científica e o Trabalho de Conclusão de Curso – considerados aqui três importantes campos de construção de conhecimento. Seja por uma investigação baseada em escrita dissertativa, narrativas, fotografias, objetos estéticos ou apropriações, a relevância dada ao processo de análise durante a pesquisa compartilha de possibilidades semânticas próprias da experiência sensível da produção a respeito do objeto de pesquisa. Tais movimentos, conforme nos leva a compreender Tourinho (2009), são cruciais para lidar com as novas emergências estéticas provocadas pela Arte.

### **Instâncias de pesquisa: implicações do Estágio Supervisionado, da Iniciação Científica e do Trabalho de Conclusão de Curso**

Amparados pelas discussões aqui postas, destacaremos, neste tópico, um recorte acerca dos caminhos da pesquisa em Artes Visuais vivenciados pelos discentes. Pontuaremos reflexões que partem do contexto formativo, considerando as indagações e possíveis perspectivas relacionadas com o lugar de conhecimento e resultantes do envolvimento do discente com o campo da pesquisa.

De acordo com Pimenta e Lima (2012, p. 29) o estágio supervisionado configura um “campo de conhecimento [...] um estatuto epistemológico que supere sua tradicional redução à atividade prática instrumental”. Desse modo, o campo de observação e regência passam a exercer uma função investigativa inerente ao processo de teoria e prática que dele emerge. Isto posto, a confluência do ES com a IC, em âmbito de ensino da graduação em Licenciatura em Artes Visuais, eleva as possibilidades dos discentes em se envolver com perspectivas investigativas importantes para seu processo formativo. Especialmente por compreendermos a IC não apenas como um movimento introdutório à experiência de pesquisa, mas um profícuo exercício de reflexão teórica e metodológica necessárias à formação do futuro professor. Destarte, tanto o ES como a IC passam a desempenhar etapas importantes para a

realização de um TCC que permita ao discente estabelecer conexões entre os saberes explorados e desenvolvidos ao longo de seu percurso de formação<sup>3</sup>. Desse modo, fica evidente haver, entre as três instâncias, um ponto em comum: a constituição de um espaço capaz de despertar no discente o gesto de estudo e busca por saberes possíveis, oriundos de experiências, diálogos e elementos teóricos.

Quando apontamos o ES, tanto na abordagem de observação como de regência, estamos atentos para a dimensão que o mesmo possui para o contexto curricular e formativo do discente. Observamos que o discente, amparado por uma experiência anterior pautada pela vivência como aluno no seio da escola, depara-se com um lugar pelo qual transitou por longo período da sua formação institucional. No entanto, agora, este mesmo espaço formativo passa a ser observado por outro ângulo. Um lugar que apresenta outras perspectivas, inclusive, de produção de conhecimento e pesquisa, tal como nos fazem ver Pimenta e Lima (2012).

Tais reflexões nos levaram a compreender como uma experiência pode, positivamente, se atrelar a outra. Detectamos, por exemplo, alguns casos de pesquisa para o TCC derivadas do período de realização do ES. Essa migração de uma experiência presencial e colaborativa realizada no âmbito do estágio na escola para um trabalho pessoal e particular derivou do interesse individual da discente. Citando este caso, em específico, a discente havia realizado na sua época de escolarização, trabalhos com fotomontagens nas aulas de Artes Visuais que envolviam pessoas famosas recortadas de revistas. Quando retornou à escola para efetivar o seu ES, resolveu aplicar o mesmo tema: fotomontagens. A partir da discussão em sala de aula com textos que tratavam do assunto, aprimoramos o interesse pelo tema, não mais priorizando o acesso dos alunos da escola às revistas com as celebridades da cena contemporânea. Refletimos sobre o poder da imagem de si e do Outro no contexto formativo dos sujeitos, em particular, acerca dos “[...] discursos que atravessam e constituem os indivíduos, constroem o imaginário, simulam identidades [...]” (BRAIT, 2004, p. 46). Conversamos sobre o impacto de cada indivíduo na cena cotidiana, no contexto da escola, da família e das relações sociais. Concluímos que cada sujeito é único e singular. Por isso, em sua experiência como futura docente, escolheu trazer para a cena da fotomontagem os próprios alunos que haviam participado da experiência com o estágio, que atuaram como colaboradores de sua pesquisa de TCC. Essa atitude perante os alunos da escola possibilitou um engajamento social frente às aspirações e desejos relatados pelos alunos, em especial, quando comentavam sobre seus desejos e interesses. Ao colocar estes alunos como protagonistas da cena no processo de elaboração e montagem dos trabalhos, a discente acentuou o lugar de protagonista da cena, pois, naquele

momento, os indivíduos poderiam ser o que desejassem ser, independente de qualquer rotulação ou diferença social.

Ao observar o movimento investigativo da discente, as perspectivas de Hernández (2000) se fizeram importantes, especialmente quando se compreende que, quando um discente realiza uma atividade conectada ao conhecimento artístico, evidencia na pesquisa algo que foi potencializado anteriormente, ou seja, um aprendizado a partir da experiência com o campo da arte não somente de ordem manual, mas, também, desenvolvida pelos sentidos. A experiência vivenciada pela discente, ao mesmo tempo em que "[...] fortalece sua identidade em relação às capacidades de discernir, valorizar, interpretar, compreender, representar, imaginar [...]" (HERNÁNDEZ, 2000, p. 42), também permitiu ao Outro observar a si mesmo mediante à realização do trabalho de fotomontagem.

Tanto o ES quanto o TCC acabam, de algum modo, interligados a um processo mais elaborado de pesquisa, uma vez que se considera, de modo mais evidente, a relação entre teoria e prática bem como a investigação desenvolvida a partir de ações no contexto escolar, conforme reforçam as reflexões promovidas por Pimenta e Lima (2012). A IC, por sua vez, desempenha o papel de introdução ao universo da investigação acadêmica, conforme compreensão geral do termo. Por se tratar de uma experiência inicial, o projeto é de competência do professor e ao discente cabe atrelar seu plano de trabalho à proposta do professor pesquisador, tal como propõe editais promovidos pela universidade<sup>4</sup>. Grosso modo, compreende-se a IC não apenas como apresentação do graduando<sup>5</sup> ao universo da pesquisa, mas como possibilidade de pensar um tema a partir de um eixo e desenvolvê-lo mediante orientação. Esse tipo de relação estabelece uma experiência com a graduação de outra ordem, cuja escolha por se envolver é de autonomia do discente, que opta por firmar este compromisso além da grade disciplinar convencional.

Como exemplo pontual para a IC, temos um caso em particular que direciona o tanto o interesse do docente como a intenção de pesquisa discente. O tema abordado pelo projeto do professor pesquisador compreendia estabelecer relações acerca da pesquisa narrativa e autobiográfica com um viés para as histórias de vida, articulando contextos experienciais formativos e autoformativos. O escopo do projeto atendia o contexto das Artes Visuais a partir de um repertório pautado na trajetória de vida de docentes e artistas. Nesse aspecto, um dos objetivos propostos pelo projeto do professor compreendia analisar a história de vida da artista Diane Arbus (1923-1971) como um caminho para compreender sua trajetória formativa, pois as histórias de vida em formação tem o propósito de incluir diversas expressões da vida, tais como a escrita, a fotografia, o vídeo, o cinema, entre outras (PINEU e LE GRAND, 2012;

PASSEGGI, 2008). A escolha da aluna em consonância com as perspectivas de pesquisa do professor revela um envolvimento que não nasce apenas no ato de se inscrever na IC, mas nas trincheiras da sala de aula. Mais do que isso, coloca em movimento experiências oriundas da formação em graduação fomentadas pela intersecção entre discente e docente por meio de narrativas potenciais para projetos de pesquisa. Ademais, interessa também ao campo da pesquisa narrativa compreender processos formativos vinculados ao campo das Artes Visuais, bem como em relação às diferentes linguagens artísticas. Por esta razão, a proposta do projeto interessou uma das alunas que frequentava as aulas ministradas pelo professor.

O interessante dessa relação entre professor e aluno foi a possibilidade de observar a diversidade de conhecimento produzido para além daquilo que uma pesquisa de IC pressupõe. Ou seja, a partir da proposta de pesquisa do projeto, a aluna considerou a possibilidade de ampliar os estudos acerca da trajetória formativa da artista Diane Arbus com a inserção de um plano de trabalho que contemplou uma outra artista: Francesca Woodman (1958). O plano de trabalho analisou estabelecer traços comparativos entre a produção e a história de vida de ambas as artistas, tendo como problemática a possibilidade de identificação, interpretação, comparação e promoção de diálogos entre as narrativas fotográficas presentes nas obras das artistas. Assim, o processo dialógico estabelecido tanto pelo projeto de pesquisa como pelo plano de trabalho coadunou propostas que foram enriquecedoras, sobretudo, no sentido de ampliar os horizontes de conhecimento que alimentam a pesquisa no campo das Artes Visuais.

Outra experiência reveladora das possibilidades de cruzamento de saberes, por meio das instâncias educativas elencadas, veio de um processo de IC que se tornou TCC. Na ocasião, a discente, interessada em elementos estéticos de ordem transgressora, optou pela IC por meio de um plano de trabalho voltado para um objeto literário cujo autor explorava a escrita poética e ensaística em período pós Primeira Guerra Mundial. Sua experiência de pesquisa permitiu aprender sobre o trânsito de um escritor, cuja reflexão a respeito de sua produção elencava um debate filosófico profundo sobre questões da decadência de valores humanos no início do século XX, bem como trazia um debate do confronto entre o ético e estético. A partir dessa investigação e aprendizagem, a discente construiu conexões importantes entre a teoria estudada no âmbito da IC e um projeto de TCC que explorasse o confronto entre o ético e estético por meio de elementos visuais. No caso, a pichação. Para dar corpo ao seu texto dissertativo, foi necessário, não só explorar uma bibliografia, teórica e imagética, capaz de contemplar seus anseios, bem como surgiu a

necessidade de ir a campo fazer um recorte visual dessas manifestações urbanas. Como escolha espacial, a discente retornou a sua escola em que cursou o Ensino Médio e realizou ES, construindo, assim, uma conexão de saberes a partir de uma experiência que se tornou orgânica. Este caso, em especial, reforça o debate deste texto, uma vez que o movimento formativo da discente foi construído a partir de interconexões necessárias ao longo da licenciatura, especialmente por atravessar as três instâncias: ES, IC e TCC.

As experiências elencadas acima notabilizam os enunciados teóricos propostos, tanto pela perspectiva zamboniana a respeito do intuitivo e inteligível, quanto às preocupações com as vivências estéticas que permearam o transcurso das discentes, no que diz respeito a aspectos da PEBA. Especialmente quando as discussões caminham ao encontro daquilo que Siegesmund e Vasconcellos (2019) reforçam: defrontar o lugar tradicional da pesquisa, trazendo as visualidades como força para diálogos e construção de conhecimento.

### **Considerações finais**

Esta discussão, embora abreviada, pretendeu levantar as principais instâncias de pesquisa no contexto da formação em Artes Visuais, especialmente no âmbito da licenciatura. Nota-se, neste campo, as contínuas emergências de integração entre pesquisa e ensino, mas também com a escola, considerando, de modo cada vez mais evidente e necessário, as Artes Visuais em suas potencialidades de produção de conhecimento integrativo. As abordagens de pesquisa em Artes Visuais ultrapassam as delimitações de metodologia, considerando outros elementos capazes de corroborar com o pensamento a respeito dos fenômenos artísticos e daquilo que é da experiência estética. Entretanto, mesmo atentos às multiplicidades oriundas das Artes Visuais bem como suas excepcionalidades e problematizações, lidar com a pesquisa é reconhecer a necessidade de estratégias de investigação que ampliem a percepção no diz respeito aos objetos artísticos. Mais do que isso, é necessário identificar os múltiplos trajetos possibilitados pela graduação, que, desde o começo, incitam ao conhecimento por meio de ações de diversas naturezas. Por meio dessas experiências, abre-se caminho para uma formação continuada atenta ao futuro professor como um potencial pesquisador, uma vez ser a vivência em sala de aula um elo indestrinçável às novas perspectivas que a disciplina de Artes Visuais enfrenta.

## Nota

---

<sup>1</sup> Para este texto, e considerando as designações utilizadas no Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília, usaremos as siglas: ES para denominar Estágio Supervisionado; IC para Iniciação Científica e TCC para Trabalho de Conclusão de Curso.

<sup>2</sup> Embora estas questões sejam próprias da arte, inclusive por uma perspectiva do ensino, não entraremos, especificamente, nestes desdobramentos conceituais.

<sup>3</sup> Vale ressaltar nossa atenção ao fato de que nem todos os discentes passam pela experiência da IC. Entretanto, cabe ao docente reforçar experiências dessa natureza justamente por compreender como ela, a IC, pode ser importante no caminho da licenciatura.

<sup>4</sup> Disponível em: < [http://proic.unb.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=542&Itemid=316](http://proic.unb.br/index.php?option=com_content&view=article&id=542&Itemid=316)> Acesso em julho de 2020.

<sup>5</sup> Considera-se, também, a Iniciação Científica a nível de Ensino Médio, norteadas pelos princípios básicos da pesquisa, que pode ser conduzida por um professor universitário ou de Ensino Médio, considerando as diretrizes de cada chamada pública.

## Referências

BRAIT, Beth. "Linguagem e identidade: um constante trabalho de estilo" In: Revista: **Trabalho, Educação e Saúde**, 2 (1), 2004. Disponível em: <<http://www.revista.epsjv.fiocruz.br/index.php?Area=NumeroAnterior&Num=22>> Acesso em: 12 Janeiro de 2007.

CARVALHO, C. IMMIAOVSKY, C. "PEBA: a arte e a pesquisa em educação". In: **Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul**, v. 25, n. 3, p. 221-236, Set./Dez. 2017. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/9729>> Acesso em maio de 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

HERNANDEZ, Fernando. **Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho**. Tradução: Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. CHARREU, Leonardo Augusto. "Contribuições da perspectiva metodológica 'Investigação baseada nas artes' e da A/R/TOGRAFIA para as pesquisas em educação. In: **Educação em Revista**. vol.32 no.1 Belo Horizonte Jan./Mar. 2016. Disponível em: < [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-46982016000100365](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982016000100365)> Acesso em julho de 2020.

PASSEGGI, Maria da Conceição. "Memoriais: injunção institucional e sedução autobiográfica". In: PASSEGGI, Maria da Conceição e SOUZA, Elizeu Clementino de. (Orgs.) **(Auto)Biografia: formação, territórios e saberes**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008, p. 103-131.

PAVIANI, Jayme. **A racionalidade estética**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1991.

PIMENTA, Selma Garrido. LIMA, Maria Socorro L. L. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2012.

PINEAU, Gaston e LE GRAND, Jean-Louis. **As histórias de vida**. Tradução: Carlos Eduardo Galvão Braga e Maria da Conceição Passeggi. Natal, RN: EDUFRN, 2012.

SIEGSMUND, Richard. VASCONCELLOS, Sonia Tramujas. "Conversas conspiratórias a favor da Pesquisa Educacional Baseada em Arte". **Revista Digital do LAV** – Santa Maria – vol. 12, n. 2, p. 181 - 195 – mai./ago. 2019. Disponível em: < <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/38253>> Acesso em julho de 2020.

TOURINHO, Irene. "Educação estética, imagens e discursos: cruzamentos nos caminhos da prática escolar" In: MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene (Orgs.) **Educação da cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2009, p. 141-156.

ZAMBONI, S. **A pesquisa em Arte: um paralelo entre arte e ciência**. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

**Luiz Carlos Pinheiro Ferreira**

Doutor em Arte e Cultura Visual pelo PPGACV da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Mestre em Educação pelo PPGE da UFF/Niterói/RJ e Licenciado em Educação Artística/História da Arte pela UERJ. Professor Adjunto do Departamento de Artes Visuais Universidade de Brasília e credenciado no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais – PPGAV/UnB.

**Ana Paula Aparecida Caixeta**

Doutora e Mestre em Literatura e Práticas Sociais pela Universidade de Brasília; graduada em Letras e Artes Plásticas. É professora adjunta no Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília e credenciada no Programa de Pós-Graduação em Literatura (PÓSLIT). Também é líder do grupo de pesquisa Epistemologia do Romance (POSLIT/UnB/CNPq).